

נָבִיא (nābî'): Etimologia e Contexto

נָבִיא (nābî'): Etymology and context

LUCAS ALAMINO IGLESIAS MARTINS

Graduado em Teologia e pós-graduado em Teologia Bíblica pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, mestre e doutorando em Estudos Judaicos e Árabes pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus Engenheiro Coelho.

RESUMO Em estudos sobre a figura do profeta na Bíblia Hebraica, muito é discutido sobre a etimologia e o contexto da palavra *nābî'*. A maioria dos estudos não trata da dimensão que o entendimento das possíveis derivações da palavra possui para a compreensão da função do profeta bíblico. Neste artigo, serão expostas as principais propostas para a origem do vocábulo *nābî'* e a importância de seus possíveis significados para a compreensão da função do profeta no contexto da Bíblia Hebraica.

ABSTRACT In studies about the figure of the prophet in the Hebrew Bible, much is discussed about the etymology and the context of the word *nābî'*. Most of the studies don't deal with the dimension that the possible derivations of the word's understanding has for the comprehension of the biblical prophet's role. In this article will be presented the main proposals for the origin of the word *nābî'* and the importance of its possible meanings for the apprehension of the prophet's role in the Hebrew Bible context.

PALAVRAS-CHAVE *nābî'*; Profeta; Profetismo; Bíblia Hebraica.

KEYWORDS *nābî'*; Prophet; Prophetism; Hebrew Bible.

Introdução

SWEENEY (2005, PP. 28-29) APONTA QUE, QUANDO CONSIDERAMOS OS PROFETAS representados na Bíblia Hebraica (BH), vemos uma variedade de vocábulos empregados tanto para descrevê-los como para detalhar a atividade que efetuam. Reddit (2012, p. 588) considera que, dentre todos, o mais importante seria o vocábulo נָבִיא (*nābî'*). Sweeney concorda com Reddit ao afirmar:

De longe, o termo mais comumente empregado é *nābî'*, “profeta”, o qual é empregado a Abraão (Gn 20:7), Moisés (Dt 34:10), Arão (Ex 7:1), Elias (1Rs 17:18-24), Eliseu (2Rs 4:7-42), o grupo de profetas do tempo de Elias e Eliseu (1Rs 20:35; 2Rs 4:1), Jeremias (Jr 1:5), Ezequiel (Ez 2:5), Natan (2Sm 7:2), Isaías (2Rs 19:2), Habacuque (Hc 1:1), Ageu (Ag 1:1), Zacarias (Zc 1:1), Hananias (Jr 28:1), e muitos outros. (Sweeney, 2005, p. 28)¹

No entanto, de acordo com Wilson (1980, p. 22), ao se estudar a figura do profeta bíblico, cedo nos deparamos com duas dificuldades: 1) o fato de que, ao longo dos séculos, os profetas bíblicos serviram de modelo aos quais outros tipos de especialistas religiosos (como, por exemplo, xamãs e médiuns) têm sido comparados; e 2) o fato da palavra “profeta”² ser ambígua mesmo quando vista dentro de seu *background* bíblico.

Tendo em vista que a discussão do presente artigo não tem como objetivo abordar a utilização de “profeta” no meio antropológico e suas comparações “virtualmente inevitáveis”³ (WILSON, 1980, p. 22) com o contexto bíblico, o segundo ponto de Wilson se insere como introdutório para a presente discussão.

A palavra “profeta” é derivada da palavra grega *prophētēs* e, aparentemente, é formada do verbo *phēmi*, “falar; dizer”, mais o prefixo *pro*, “diante; para frente” (SWEENEY, 2005, p. 28). Segundo Wilson (1980, p. 22), pelo fato do prefixo *pro* ser ambíguo, o significado de *prophētēs* deve ser deduzido dos contextos de suas primeiras aparições. A esse respeito, Wilson afirma:

Nas fontes mais antigas, o título *prophētēs* é normalmente atribuído a uma pessoa conectada aos oráculos de Apolo e Zeus, e a palavra originalmente parece ter designado aquele que “fala diante” ou “proclama” a mensagem da deidade e interpreta a palavra divina para pessoas buscando oráculos. (Wilson, 1980, pp. 22-23)⁴

A ambiguidade em torno do uso do vocábulo *prophētēs* em fontes do grego clássico se estende ao uso da palavra da Septuaginta (LXX). Ao se traduzir a Bíblia Hebraica para o grego, a palavra *prophētēs* era consistentemente utilizada para transmitir a ideia de נָבִי (nābî'), o título mais comum para “profeta” na Bíblia Hebraica (PETERSEN, 2002, p. 6). Ao mesmo tempo, *prophētēs* aparece como tradução de palavras hebraicas como *rō'eh* e *hōzeh* (“vidente” – 1Cr 26:28; 2Cr 16:7, 10; 19:2; 29:25,30; 35:15), e uma vez como tradução de *mal'āk* (“mensageiro” – 2Cr 36:15).

Assim, de acordo com Wilson (1980, p. 23), a LXX aparentemente “não distinguia os vários tipos de figuras proféticas israelitas, mas aplicava para todas elas o título *prophētēs*”.⁵ Para Blenkinsopp (1983, p. 27), embora o estudo dos termos gregos não seja um guia infalível para uma melhor compreensão de palavras hebraicas, no caso de נָבִי (nābî'), o uso de *prophētēs* ao invés de *mantis* e *manteuomai* (que conotam comportamento extático), parece refletir uma preocupação em “enfati-

zar aspectos mais declarativos da profecia israelita”.⁶ Em seguida, Blenkinsopp (1983, p. 28) afirma que embora, segundo ele, o cognato mais próximo de נָבִי (nābî') seja o verbo acadiano *nabū* (“chamar”), etimologias não transitam no uso da palavra de forma direta. Para ele, “o fator decisivo é o contexto e não a etimologia”.⁷

Sendo assim, verificaremos as possíveis origens da palavra נָבִי (nābî'), e certificaremos em que sentido, se possível, a percepção de sua origem pode lançar luz a uma compreensão mais abrangente da figura do profeta.

Etimologia

De acordo com Müller (1988, p. 130), a raiz hebraica *nb'*, encontrada nas conjugações *nifal* e *hitpael*, deriva do substantivo *nābî'*, ou como colocam Westermann e Jenni (1997, p. 697), “um denominativo de *nābî'*”.⁸ O substantivo, todavia, deriva da raiz semítica oriental *nb'*, um verbo ligado ao ato de falar (MÜLLER, 1988, p. 130), corroborando a afirmação de Koehler e Baumgartner (1994-2000, pp. 661-662) sobre o substantivo *nābî'*: trata-se, aparentemente, de uma palavra semítica emprestada.

Para Holladay, na conjugação *nifal*, a raiz verbal hebraica *nb'* parece estar relacionada a “estar em êxtase profético”, “comportar-se como um *nābî'*”, ou “falar como um *nābî'*” (HOLLADAY, 2000, p. 224). Ainda para o mesmo autor, na conjugação *hitpael*, a raiz verbal hebraica estaria associada a “comportar-se como um *nābî'*” (no sentido, muitas vezes, de delirar) ou também “falar como um *nābî'*” (HOLLADAY, 2000, p. 224).

Kirst *et al.* (2014, p. 148) consideram que a mesma raiz hebraica *nb'* na conjugação *nifal* também poderia significar “estar em transe profético”, além das outras possibilidades mencionadas acima para a mesma conjugação. No caso da conjugação

hitpael, além das opções mencionadas acima para a mesma conjugação, o mesmo autor acrescenta as traduções: “ficar fora de si” e “ter um acesso de raiva” (KIRST *et al.* 2014, p.148).

Clines considera que a raiz verbal hebraica *nb'* na conjugação *nifal* está relacionada primariamente com “profetizar” (CLINES, 2011, p. 582). Davidson concorda com tal ideia e ainda acrescenta a opção de se traduzir como “prever eventos futuros” e “ensinar a vontade divina” (DAVIDSON, 2007, p. 530). Clines ainda acrescenta à raiz hebraica na conjugação *nifal* a possibilidade de ser encontrada nos contextos: profetizar com música (1Cr 25:1), profetizar dos falsos profetas (1Rs 22:2; 2Cr 18:11; Jr 5:31; 14:14-16), profetizar por Baal (Jr 2:8), ou de apresentar uma palavra profética por meio do espírito (CLINES, 2011, p. 582). Quanto à conjugação no *hitpael*, Clines, além de apresentar a tradução “profetizar”, também traz a opção “delirar”, “entrar em frenesi” (CLINES, 2011, p. 584).

Sobre o substantivo *nābî'*, Clines apresenta a possibilidade de tradução como “porta-voz masculino”, na BH, normalmente de YHWH ou porta-voz de Israel diante de YHWH (2011, p. 587). Ainda segundo o mesmo estudioso, a forma plural de *nābî'*, *nābî'im* (“profetas”), pode incluir alguma *nābî'āh* (“profetiza” – Ex 15:20; Jz4:4; 2Rs 22:14; 2Cr 34:22; Ne 6:14; Is 8:3) (2011, pp. 587, 592).

Para Archer *et al.* (1998, p. 904), a derivação de *nābî'* é assunto controverso. Segundo estes autores,

No momento, são quatro os pontos de vista sobre a derivação da palavra: 1) De uma raiz árabe *naba'a*, “anunciar”, daí “porta-voz” (Cornill, Koenig, Eiselen, G. A. Smith). 2) De uma raiz hebraica *nābā'*, forma abrandada de *nāba'*, “borbulhar”, por conseguinte “extravasar pala-

vas” (Genesius, von Orelli, Kuenen, Girdlestone, Oehler). 3) De uma raiz acadiana *nabû*, “chamar”, por esta razão “aquele que é chamado [por Deus]” (Albright, Rowley, Meek, Scott). 4) De uma raiz semítica desconhecida (A. B. Davidson, *KB* [Koehler e Baumgartner], *BDB* [Brown, Driver, e Briggs], E. J. Young, Heinisch). (Archer *et al.*, 1998, p. 905)

De acordo com Westermann e Jenni (1997, p. 697), as tentativas de derivar o substantivo da raiz verbal *nb'* (“ir adiante”), ou do passivo da raiz verbal *bô'* (“entrar”) (“possuído por”), foram motivadas pelo interesse em estabelecer um elemento extático de atividade profética como origem. Müller (1988, p. 135) aponta que a raiz verbal *nb'* encontrada no acadiano (*namba'u*), hebraico (*nb'*) e árabe (*nbġ*) não é relacionada à raiz verbal *nb'*, afinal ‘ é distinto de ’. Além disso, o uso metafórico da raiz verbal *nb'* para descrever um discurso, como no Salmo 19:3⁹ [Port. 2] (יָבִי'ָא - *yabî'a*) é, segundo Müller, “etimologicamente irrelevante”.¹⁰

Para Archer *et al.* (1998, p. 905), os autores que concordam em derivar o substantivo *nābî'* do verbo *nāba'* supõem que a função do substantivo é “expressar revelações vindas do espírito de Deus”. Todavia, os próprios autores afirmam que outros estudiosos, tomando por base a mesma derivação, afirmaram que “a atitude é passiva, sendo o sentido o de receber a fala divina e então proclamá-la, enfatizando a recepção da comunicação divina pelo *nābî'*” (ARCHER *et al.* 1998, p. 905).

Müller (1988, p. 130) assinala que um derivativo nominal *qaṭil*>*qaṭil* de *nbyl'* é encontrado na maioria das línguas semíticas. Segundo ele, a forma alongada (*qaṭil*) representa um adjetivo substantivado de *qaṭil*. Müller ainda aponta que tal ponto tem relação com a etimologia do acadiano *nabium*>*nabû(m)* “aquele que foi chamado”.

De acordo com Wilson (1980, p.137), formas *qaṭīl* em hebraico algumas vezes possuem conotação ativa, e por esta razão, *nābî'* tem sido associado a “aquele que anuncia”. Todavia, ainda de acordo com Wilson (1980, p.137), formas *qaṭīl* em hebraico algumas vezes também possuem força passiva, e se for aceita tal ideia, a tradução seria “aquele chamado”.

Segundo Müller (1998, p. 133-134):

Nas outras línguas semíticas ocidentais, o substantivo passivo (ergativo) *qaṭīl* parece ter sido emprestado do hebraico *nābî'* (fem. *nābî'â*). Tanto no hebraico como nestas outras línguas, isto denota um mediador que foi chamado por Deus para falar da parte de Deus. As línguas europeias ocidentais utilizam a palavra “profeta”, emprestada do grego, para este tipo de pessoa [...] Embora estudiosos anteriores preferiram assumir um significado básico ativo “falante, proclamador” para o hebraico *nābî'*, esta teoria é menos plausível. Por outro lado, uma análise do acadiano *nabīum*, etc., como “aquele que é chamado” sugere que o hebraico *nābî'* deveria também ser considerado um passivo (ergativo) verbal adjetivo ou um substantivo formado de tal adjetivo com o mesmo significado que o acadiano. (MÜLLER, 1998, p. 133-134)¹¹

Algumas formas hebraicas *qaṭīl* similares incluem: *āsîr*, “prisioneiro”; *bāhîr*, “escolhido (de Deus)”; *yādîd*, “amado”; *māšîah*, “ungido (de Deus)”; *nāzîr*, “dedicado (de Deus)”; etc. De acordo com Müller (1998, pp.133-134), semanticamente, tal etimologia de *nābî'* pode ser comparada ao uso da raiz verbal *gr'*, “chamar”, com YHWH como sujeito e o objeto, o servo de YHWH (Is 42:6; 49:1), Abraão (41:9; 51:2), ou Israel (Os 11:1; Is 54:6). Outra relação, agora morfossemântica, é o plural cons-

truto em *qārî'ê hā'ēdâ* “os que são convocados da congregação (Nm 1:16; 16:2; 26:9).

Conforme Wilson (1980, p. 137), de fato, escolher entre a força ativa ou passiva de *nābî'* é praticamente impossível com base unicamente nas informações da língua hebraica, mas evidências acadianas em epítetos reais lançam luz ao título.

Do substantivo *nābî'*, é derivado o termo técnico *nābû'â* “oráculo” (2Cr 15:8; Ed 6:14; Ne 6:12) ou “história de um profeta” (2Cr 9:29). Seus paralelos são: em siríaco, *nbîwūtā'*, “profecia”; em árabe, *nubū'at*, “profecia, dom de profecia, função de um profeta” (MÜLLER, 1988, p. 135).

Voltando aos aspectos introdutórios das questões verbais, a raiz verbal hebraica *nb'*, derivada do substantivo *nābî'*, nas conjugações *nifal* e *hitpael*, pode significar, como vimos: “atuar como um *nābî'*”; “profetizar”. (HOLLADAY, 2000, p. 224)

De acordo com Koehler e Baumgartner (1994-2000, p. 659), embora a etimologia seja discutível, possíveis relações do verbo podem ser vistas na relação com, além do já visto acadiano *nabū* “nomear, chamar”, o árabe *nabba'a* “anunciar”, do árabe *naba'ga* “balbuciar”, do árabe antigo do sul *nb'*: *tnb'* “informar, prometer” (KOEHLER; BAUMGARTNER, 1994-2000, p. 659).

Conforme Genesius (2003, pp. 525-526), o verbo, tanto na conjugação *nifal* como na conjugação *hitpael*, expressa a ideia básica de alguém movido pelo poder de outro. Além de que, segundo o mesmo erudito, esta é a palavra usual para os discursos dos profetas, ora repreendendo a maldade do povo, ora prevendo eventos futuros. Como, por exemplo, em Jr 23:21, onde lemos:

לֹא דִבַּרְתִּי אֱלֵהֶם וְהֵם נִבְּאוּ

lō' dibartî 'ālêhem v'hēm nibā'û

“não lhes falei, e eles profetizaram”

Ou também, Am 3:8, onde lemos:

אַרְיֵה שָׁאֵג מִי לֹא יִרְאֶה אֶדְנִי יְהוָה דְּבַר מִי לֹא יִנְבֵּא
'aryēh šā'āg lō' yirā' 'ādōnāy YHWH dibêr mî lō'
yinābē'

“Rugiu o leão, quem não temerá? Disse o Senhor Deus, quem não profetizará?”

Por mais que a etimologia de *nābî* e do verbo relacionado seja amplamente discutida (KOEHLER; BAUMGARTNER, 1994-2000, p. 659), aparentemente vemos uma forte relação da palavra com a função do representante, com a figura de alguém que fala em nome de outro alguém. A próxima seção do artigo tratará, não de forma exaustiva, das possibilidades contextuais de *nābî* e seus derivados na Bíblia Hebraica.

Contexto

O substantivo *nābî* ocorre cerca de 315 vezes na Bíblia Hebraica (KOEHLER; BAUMGARTNER, 1994-2000, p. 661) e está distribuído amplamente no texto – todavia, de forma desigual (JENNI; WESTERMANN, 1997, pp. 69-698). A palavra ocorre quatro vezes nos quatro primeiros livros da Bíblia (Gn 20:7; Ex 7:1; Nm 11:29; 12:6), dez vezes em Deuteronômio, noventa e nove vezes nos profetas anteriores (Jz [1x]; 1Sm [12x]; 2Sm [3x]; 1Rs [50x]; 2Rs [33x]), sete vezes nos livros poéticos (Sl [3x]; Lm [4x]), uma vez em Esdras, cinco vezes em Neemias, três vezes em 1Crônicas, seis vezes em 2Crônicas, e quatro vezes tanto em Esdras como em Daniel. A grande maioria das ocorrências aparece nos profetas maiores e nos doze profetas menores – Jr [95x]; Ez [17x]; Is [7x]; Os [8x]; Am [5x]; Mq [3x]; Hb [2x]; Sf [1x]; Ag [5x]; Zc [12x]; Ml [1x] (JENNI; WESTERMANN, 1997, pp. 697-698).

De acordo com Schmitt, esta palavra hebraica,

muito provavelmente emprestada, sugere que a profecia em Israel não era um fenômeno sem relação com ideias e práticas fora de Israel. Para ele, a “profecia israelita pode ser compreendida como um conceito e uma atividade que Israel compartilhava com outras culturas e povos dentre os quais os israelitas viviam” (SCHMITT, 1992, p. 482).

Para Sellin e Fohrer (1984, p. 515), no Antigo Israel, encontram-se, sociologicamente condicionadas, duas formas distintas de profetismo:

a figura do extático, que se acha ligado aos cultos excitantes da fecundidade dos países de cultura, ou seja, a figura do nabi (*nābî* – “aquele que foi chamado”), e a figura do vidente (*rō'eh* e *hōzeh*), associado ao âmbito da vida nômade. (SELLIN; FOHRER, 1984, p. 515)¹²

Segundo estes autores, o profetismo extático ocupava o primeiro plano, onde o êxtase se faz sentir de maneira muito acentuada e persistente, e pode se apossar de um grupo de pessoas (FOHRER; SELLIN, 1984, p. 515). De acordo com Fohrer (1983), as raízes desta forma de profetismo estão associadas à área cultivada do Antigo Oriente Médio e é, obviamente, relacionada com a estimulante vegetação e com os cultos da fertilidade. Para ele, estes profetas extáticos que oficiavam em santuários ou cortes reais “são mais bem designados pelo termo do Antigo Testamento *nābî*” (Fohrer, 1983, p. 275).

Contudo, de acordo com Kaufmann,

A representação fiel da visão popular da profecia como loucura, o nome do profeta (*nābî*), conferido indistintamente tanto aos profetas pagãos como aos israelitas atestam do mesmo modo a inocente sinceridade da Bíblia nestas questões. É provável que na realidade houvesse alguma ligação entre

a música e a profecia, uma vez que a poesia é a forma característica que a profecia assume. Entretanto, a profecia israelita nunca estava vinculada a estímulos fixos. Surgindo a partir de uma ideia singular, ela não se sentia dependente de induções artificiais. A Bíblia, de qualquer maneira, não preserva nenhum vestígio da ideia de que substâncias particulares, ou rituais culturais ou mágicos, induzam à profecia. (KAUFMANN, 1989, p.98)

Além disso, segundo Jenni e Westermann (1997, pp. 697–698), vemos, na Bíblia Hebraica, o uso do substantivo *nābî'* e do verbo *nb'*, aparentemente sem a intenção de diferenciar os variados tipos de atividades proféticas. Experiências extáticas, comunicação de ditos divinos, pregações de teor legal ou de arrependimento, intercessões, podem ser enquadradas dentre as funções essenciais de *nābî'*.¹³

Segundo Petersen (2002, p. 6), outro ponto é que alguns estudiosos suspeitam de que os diferentes nomes para os profetas refletissem uso linguístico em lugares e tempos diferentes.

Von Rad (1974, p. 10), por exemplo, afirma que ao, falarmos de “profetas”, nosso vocabulário nos leva a generalizações, dando assim a ilusão de uma unidade que não existe. Por exemplo, em 1 Sm 9:9 “profeta” (*nābî'*) e “vidente” (*rō'eh*) são considerados sinônimos, ou mesmo em Am 7:12, onde Amós é chamado de “vidente” (*hōzeh*) e, em seguida, responde que não é “profeta” (*nābî'*).

Von Rad afirma:

Estas surpreendentes flutuações terminológicas nos impedem de querer ver nos textos isolados um reflexo muito vizinho da realidade histórica. As concepções particulares do narrador entram também em jogo, e sobretudo vemos em cada grupo de textos exprimirem-se as concepções próprias a uma região. Poder-se-ia esperar que

a mesma coisa levasse sempre o mesmo nome em épocas e em lugares diferentes? Além disso, tratar-se-ia sempre da realidade? É certo que a terminologia desconhecida dos documentos exprime a falta de unidade do fenômeno histórico; mas trata-se de literatura, e não se pode esperar que as diversas designações sejam empregadas de maneira consequente e metódica. O termo que mais frequentemente se encontra é *nābî'*; mas o fato de que este termo predomina claramente sobre outros não nos facilita o conhecimento, mas pelo contrário, complica; é fora de dúvida, com efeito, que a predominância deste termo sobre os outros resulta duma generalização e dum nivelamento dos conceitos usados retrospectivamente por redatores posteriores. (Von Rad, 1974, p.11)

Para Jenni e Westermann (1997), tanto os vários períodos na história de Israel como as várias camadas literárias da Bíblia Hebraica contribuem para perspectivas distintas da atividade do *nābî'*. Contudo, esses estudiosos (JENNI; WESTERMANN, 1997, pp. 697-698) dizem que “nenhuma história sem emenda da profecia deve ser escrita com base nestes materiais dispersos”.¹⁴

Adicionando às diferenças históricas e literárias da imagem de *nābî'*, vale lembrar de uma distinção fundamental: algumas das funções citadas acima são primariamente atribuídas a grupos proféticos (נְבִיִּים הַנְּבִיָּאִים [*b^enê hann^abî'îm*] - 1 Rs 20:35),¹⁵ e outras atribuídas ao indivíduo *nābî'*.

De certa maneira, Wilson (1980, p. 136) corrobora com tal ideia ao assinalar que *nābî'* é um título dado a intermediários na tradição efraimita, embora ele mesmo afirme em seguida que o título não é de propriedade exclusiva da mesma tradição. Segundo o mesmo estudioso, o título em si indica pouco sobre as características da figura a quem é aplicado.

Dissertando sobre as duas conjugações verbais (*nifal* e *hitpael*) em que aparece o verbo derivado do substantivo da presente pesquisa, Blenkinsopp observa:

algumas vezes é argumentado, ou simplesmente asseverado, que o primeiro (*nibbā*) se refere a um discurso profético e que o seguinte (*hitnabbē*) a comportamento extático ou orgiástico. De fato, o *hitpael* é usado para comportamentos selvagens e descontrolados, mesmo onde não há questionamento de algo profético. Saul, por exemplo, é descrito como 'profetizando' quando, perturbado pela inveja, tentou fixar Davi na parede com sua lança (1Sm 18:10-11). Mesmo muito depois, o profeta extático (*mitnabbē*) poderia ser comparado ao louco (*m^ošuggā*) que fala e age de maneira descontrolada (Jr 29:24-28). Mas o *nifal* também é utilizado em contexto de orgia extática comunal (1Sm 10:11; 19:20; 1Rs 22:12), enquanto o *hitpael* pode ser referir a um discurso profético racional (1Rs 22:8; Ez 37:10). Não há, portanto, distinção rápida e precisa entre as duas formas, embora *nibbā* tenha se tornado a palavra padrão para um pronunciamento profético, assim como o falar veio a ser considerado a expressão normal para o que significava ser um profeta. (BLENKINSOPP, 1983, p. 28)¹⁶

Wilson (1980, pp 137-138) pondera que a distinção semântica entre as duas formas verbais é difícil de ser estabelecida, pois muitas vezes aparecem juntas e carregam o mesmo significado (ex. 1Sm 10:5, 6, 10, 11, 13; Jr 26:20; Ez 37:9-10).

Quando estudiosos tentam reconstruir a distinção original entre as duas formas, normalmente é dito que as formas da conjugação *hitpael*, que predominam em textos mais antigos, originalmente indicavam atividade extática, como já foi dito

acima. As poucas ocorrências da conjugação *nifal* em textos mais antigos parecem também estar associadas ao êxtase. Assim, com o tempo, a conjugação *nifal* passou estar associada com discursos proféticos inteligíveis, enquanto que a conjugação *hitpael* continuou a ser associado a experiências de êxtase. Como a forma da conjugação *nifal* se tornou mais comum no período da profecia clássica, o significado da conjugação *hitpael* gradualmente se fundiu com o mais comum, o *nifal*, até finalmente os dois serem utilizados de maneira intercambiável (WILSON, 1980, pp. 137-138).

Na mesma direção que Blenkinsopp, Wilson responde a esta reconstrução afirmando:

esta visão não pode ser sustentada por evidência bíblica. De fato, o *hitpael* de *nb'* às vezes aparece em passagens onde não há indicações claras de comportamento extático, assim, a ocorrências desta forma não podem ser usadas para apoiar a noção de que êxtase era a principal característica dos primeiros *nābî*'s. Pelo contrário, a forma *hitpael* de *nb'* provavelmente deveria receber um significado mais geral. A partir de formas análogas, tais como *hiṯhal* ("simular estar doente", "agir como se estivesse doente" [2Sm 13:5]), *hit'abbēli* ("fingir lamentar", "agir como um pranteador" [2Sam 14:2]), *lēhištaggēa'* ("agir como um louco" [1Sam 21:16]), é provável que *hitnabbē* originalmente significasse "agir como um profeta", "exibir características comportamentais de um *nābî*". Em contraste, as formas no *nifal* de *nb'* provavelmente eram originalmente denominativas, significando simplesmente "profetizar", "transmitir um oráculo profético". (WILSON, 1980, p. 138)¹⁷

Assim, se este é o caso, as formas verbais de *nābî*' não especificam as características comportamentais do *nābî*'. Estas características poderão

ser estudadas e determinadas com base na investigação do comportamento de cada profeta (WILSON, 1980, p. 138).

Função

“A ideia essencial do substantivo hebraico *nābî'* é a de porta-voz autorizado ou oficial”, afirmam Archer *et al.* (1998, p. 905). Ainda de acordo com esses estudiosos, “os intérpretes tem descoberto a ideia básica não na etimologia, que se perdeu nas brumas da antiguidade”, mas no uso geral da palavra em alguns textos da Bíblia Hebraica (ARCHER *et al.*, 1998, p. 905), primariamente, em três textos do Pentateuco.

O primeiro texto aparece logo após Moisés levantar uma objeção para não ser o porta-voz de Deus junto a Israel e ao Faraó (Ex 6:28-30). Respondendo à objeção, em Ex 7:1, Deus diz a Moisés que o havia constituído “deus sobre o Faraó” e Arão seria o profeta dele. “Portanto, qualquer que seja a origem da palavra, um profeta é alguém autorizado a falar em nome de outrem” (ARCHER *et al.*, 1998, p. 905).

O segundo texto é Nm 12:1-8, onde, após Arão e Miriã tentarem tomar o lugar de Moisés, Deus responde declarando que Moisés teria conversa direta com Ele. E além disso, Deus afirma que, com os profetas, se comunicava (se fazia conhecer) através de sonhos e visões. Logo, aparentemente, um *nābî'* só poderia ser um porta-voz divino se Deus lhe tivesse dado uma mensagem (ainda que de forma obscura) para anunciar (ARCHER *et al.*, 1998, p. 905).

Por fim, o terceiro texto seria Dt 18, onde há o anúncio da existencial formal do ofício do *nābî'*.

Contudo, além destes textos, vemos vários exemplos no conjunto de livros denominados *nōbî'im* (“profetas”). De acordo com Sweeney (2005, p. 33),

“livros proféticos começam com um cabeçalho ou uma introdução narrativa que identifica o profeta que é o assunto do livro”.¹⁸ Os cabeçalhos não só classificam genericamente os livros,¹⁹ como também qualificam trechos/blocos como “palavras”,²⁰ “visão”,²¹ “pronunciamento”²² (SWEENEY, 2005, p. 33). Alguns destes trechos/blocos são apontados como דְבַר־יְהוָה (*dāvar YHWH* - “palavra de YHWH”) que veio ao profeta.²³ Vemos esta expressão, por exemplo, em Zc 6:9, onde lemos:

וַיְהִי דְבַר־יְהוָה אֵלַי לֵאמֹר:

wayāhî dāvar YHWH 'ēlay lēmōr

E aconteceu a palavra de YHWH a mim dizendo.

A fórmula parece expor a realidade básica da função profética, ser um instrumento por meio do qual a palavra divina é conhecida, característica que dialoga diretamente com as questões de etimologia e contexto supracitados (SWEENEY, 2005, p. 35).

O fato de ser um instrumento divino, todavia, parece não se restringir à expressão “a palavra de YHWH”. Comentando sobre expressões comuns entre os mensageiros reais do Antigo Oriente Médio (AOM), Westerman (1991, p. 100) aponta que algumas fórmulas repetidas por um mensageiro diante do seu destinatário, funcionavam como uma assinatura em uma carta autorizando aquela mensagem.

Dissertando sobre os “Oráculos de Julgamento” da obra *Basic Forms of Prophetic Speech* de Westerman, Rofé (1997) afirma:

A função do profeta nesses oráculos é definida pelo uso da frase ‘Assim diz o Senhor’. No mundo da Bíblia, essa é a fórmula através do qual o mensageiro apresentava as palavras de seu mestre, mais especificamente, as palavras de seu rei (a exemplo de Jz 11:15; 2 Rs 18:19, 29). (ROFÉ, 1997, p. 61)²⁴

Assim, vemos uma relação entre a figura do profeta bíblico e este tipo de mensageiro. No Antigo Oriente Médio um paradigma próximo da função do profeta era a do mensageiro ou mensageiro real. Em diferentes ocasiões, de acordo com Rofé (1997, p. 61), o profeta é chamado de מַלְאָךְ²⁵ (*mal'āk* - “mensageiro”).²⁶

Além disso, frequentemente, termos técnicos ligados tanto à comissão como ao envio de mensageiros são utilizados para os profetas, como por exemplo: שָׁלַח (*šālak* - “enviar”) e הָלַךְ (*hālak* - “ir”).²⁷ Isso sem contar as narrativas onde o profeta participa do סוֹד (*sōd* - “conselho”) de Deus (SIQUEIRA, 1996, pp. 201-203).²⁸

Um exemplo dessa prerrogativa de comissionamento divino apresentado pelos profetas é o uso da fórmula כֹּה-אָמַר יְהוָה (*kō-’āmar YHWH* - “assim diz YHWH”).²⁹

O uso da “fórmula do mensageiro” כֹּה-אָמַר יְהוָה (*kōh-’āmar YHWH* - “assim diz YHWH”) proporciona situações curiosas no relato bíblico. Muitas vezes ao se fazer uso da fórmula, a distinção entre o rei e o mensageiro ficava, nas devidas proporções, embaçada (ROFÉ, 1997, p.61). Normalmente, os mensageiros chegavam ao local determinado para que a mensagem fosse apresentada, utilizavam esta introdução ou fórmula e o discurso era feito na primeira pessoa do singular. Porém, a sensação era de que ele, o mensageiro, fosse o próprio rei falando naquele momento. Isso pode ser visto, por exemplo, em Gn 32:4 quando Jacó instrui seus servos dizendo:

וַיֹּצֵא אֹתָם לְאָמַר כֹּה תֹאמְרוּן לְאֲדֹנָי לְעֹשֶׂן
 כֹּה אָמַר עֲבָדְךָ יַעֲקֹב עִם-לְבוֹן לְרֵאשִׁיתִי וְאַחַר עַד-עֲתָה:
way²šaw ’ōtām lēmōr kōh tō’im³rûn la’dōnî⁴ ’ēšāw
kōh ’āmar ’avc⁵khā ya’āqōv ’im-lāvān gartî wā’ēhar
’ad-’ātāh

e lhes ordenou: Assim falareis a meu senhor Esaú:

Teu servo Jacó manda dizer isto: Como peregrino morei com Labão, em cuja companhia fiquei até agora.

Relacionado aos profetas da Bíblia Hebraica, para Rofé (1997, p.61), em alguns textos proféticos há dificuldade na distinção entre o que é dito pelo profeta e o que é dito pelo seu Deus. Oseias, por exemplo, nunca utiliza a “fórmula do mensageiro” כֹּה-אָמַר יְהוָה [*kō-’āmar YHWH* - “assim diz YHWH”]. Além disso, segundo Rofé (1997, p.61), nos capítulos 4-14, não há distinção entre o que é dito por Deus e o que é dito pelo profeta. Como, por exemplo, na sequência de versículos em Os 9:16,17. Em Os 9:16, lemos:

הֲכָה אֶפְרַיִם שְׂרָעָם יִבֶּשׂ פָּרִי
 בְּלִי-יַעֲשׂוּן, אִם כִּי גִדְלוּ וְהִמַּתִּי מִחַמְדֵּי בִטְנָם:
hūkā ’efrayim šār’shām yāvēš pāri v’lī-ya’āšûn
gam kī yēlēdûn w’hēmatî maḥamadē viṭnām
 Ferido está Efraim, secaram-se as suas raízes;
 não dará fruto; ainda que gere filhos, eu matarei
 os mais queridos do seu ventre.

Na sequência, em Os 9:17, é dito:

יִמְאַסֶּם אֱלֹהֵי כִּי לֹא שָׁמְעוּ לִי וַיִּהְיוּ נִדְרִים בְּגוֹיִם:
yim’āsēm ’ēlōhay kī lō’ šām’û lô w’yihyû nōc⁶dîm
bagōyim
 O meu Deus os rejeitará, porque não o ouvem; e
 andarão errantes entre as nações.

Para Rofé (1997, p.61), esse intercâmbio ofuscado entre Deus e o profeta é fruto da identificação de Oseias com Deus. A começar pela sua experiência com uma mulher de índole abjeta.

Portanto, por mais que a experiência profética seja de obscura compreensão em qualquer período da história do Antigo Israel (BARTON, 1992, p.

493), nota-se que a realidade de identificação com o divino, por parte do profeta, não se restringe ao que é simplesmente dito, mas também engloba, algumas vezes, o que ele experimenta.

Conclusão

Dentre os vocábulos para se referir à figura do profeta na Bíblia Hebraica, נָבִי (nābî') é o mais comum (VON RAD, 1974, p.11). Como visto, este vocábulo parece estar relacionado diretamente a línguas vizinhas de Israel. Sobre a relação deste vocábulo com os povos vizinhos, Kugel (2007, p.441) afirma que:

[...] a terminologia utilizada (nābî') – não se originou em Israel e não era totalmente distinta da profecia em qualquer outro lugar da região.³⁰

Por outro lado, a relação linguística e a relação de um certo tipo de ofício profético também ao redor de Israel, parece não ser suficiente para que se afirme que o modelo de atividade profética era a mesma (KAUFMANN, 1989, p. 98).

Dentre as possibilidades de origem existentes, nota-se, aparentemente, uma tendência ao afastamento da característica extática do profetismo bíblico (ARCHER; *et al.* 1998, p.905). Um dos pontos de aparente conformidade entre grande parte dos estudiosos envolve a possibilidade do vocábulo estar associado à ideia do ofício de um porta-voz autorizado (ARCHER *et al.*, 1998, p. 905).

Outro fenômeno considera que o vocábulo נָבִי (nābî') talvez não se refira a uma atividade profética específica, pois, como visto acima, outros vocábulos são usados de maneira sinônima com nābî' (VON RAD, 1974, p. 11). Assim, um estudo etimológico parece não suprir com todas as possibilidades de atividades desta figura do Antigo Israel.

Além disso, embora o contexto no qual os substantivos e principalmente os verbos oriundos de nābî' estão inseridos seja importante, ele parece não ser o único fator decisivo a ser considerado no estudo desta figura bíblica.

Por fim, um exame das características de cada profeta, à luz da etimologia da palavra e de seu uso contextual, juntos, parece ser um caminho mais completo para uma compreensão do vocábulo nābî' na Bíblia Hebraica.

Para Kaufmann (1989, p. 97):

A profecia pagã é tipicamente considerada derivada de uma fonte específica de poder mântico – de um dom psíquico do profeta, natural ou adquirido, ou de substâncias particulares ou espíritos que os inspiram. A concepção israelita não conhece nenhuma destas fontes específicas de poder, nem há seres espirituais específicos cuja função é inspirar. (KAUFMANN, 1989, p. 97)³¹

A profecia na Bíblia Hebraica não é vista como um talento inato. O espírito profético não está no profeta, mas cai sobre ele. Como diz o próprio Kaufmann (1989, p. 98): “é um eflúvio divino que o toma e que pode abandoná-lo a qualquer momento”.

Na concepção bíblica, antes de mais nada, a fonte primária da profecia parece ser a palavra de YHWH, por isso a ideia do mensageiro. Kaufmann ainda pondera: “O profeta repete a palavra de Deus que lhe veio anteriormente” (KAUFMANN, 1989, p. 99).

NOTAS

1 “By far the most commonly employed term is nābî', “prophet”, which is employed for Abraham (Gen 20:7), Moses (Deut 34:10), Aaron (Exod 7:1), Samuel (1 Sam 3:20), Elijah (1 Kgs 18:36), the prophetic bands from the time of Elijah and Elisha (1 Kgs 20:35; 2 Kgs 4:1),

Jeremiah (Jer 1:5), Ezekiel (Ezek 2:5), Nathan (2 Sam 7:2), Isaiah (2 Kgs 19:2), Habakkuk (Hab 1:1), Haggai (Hag 1:1), Zechariah (Zech 1:1), Hananiah (Jer 28:1), and many others as well.”

2 Obviamente Wilson trata da palavra, em inglês, “prophet”. Todavia as realidades apontadas por ele se aplicam igualmente à palavra, em português, “profeta”.

3 “*virtually inevitable*”. Todas as traduções para o português foram feitas pelo autor do trabalho, mas serão apresentadas, também em suas versões de origem no rodapé. As traduções do hebraico para o português, salvo indicação contrária, são do autor desse trabalho. As traduções da Bíblia Hebraica fornecidas pelos autores citados serão apresentadas nas notas de rodapé. Dicionários, léxicos e Bíblias consultadas estão na bibliografia do trabalho. Cf. Brown, Driver, Briggs (ed.), 1886; Clines (ed.), 2009; Holladay (ed.), 2000; Koehler e Baumgartner (eds.), 2001; Alonso Schökel, 1997; Kirst *et al.* (eds.), 2014.

4 “*In the early sources, the title prophētēs is usually given to a person connected with the oracles of Apollo and Zeus, and the word originally seems to have designated one who ‘speaks forth’ or ‘proclaims’ the message of the deity and interprets the divine word for people seeking oracles.*”

5 “*did not distinguish the various types of Israelite prophetic figures but applied to all of them the title prophētēs*”.

6 “*emphasize the more declarative aspects of Israelite prophecy*”.

7 “*The decisive factor is context not etymology*”.

8 “*a denominative from nābî*”.

9 Tal uso também aparece em SI 78:2; 119:171; 145:7.

10 “*etymologically irrelevant*”.

11 “*In the other West Semitic languages, the passive (ergative) qaṭīl noun seems to be borrowed from Heb. nābî’ (fem. nēbî’â). In both Hebrew and these other languages, it denotes a mediator who has been called by God to speak on God’s behalf. The Western European languages use the word “prophet”, borrowed from Greek, for such a person [...] Although earlier scholars preferred*

to assume an active basic meaning “speaker, proclaimer” for Heb. nābî’, this theory is less plausible. On the contrary, analysis of Akk. nabūm, etc., as “one who is called” suggests that Heb. nābî’ should also be considered a passive (ergative) verbal adjective or a noun formed from such an adjective with the same meaning as in Akkadian.”

12 “*it is sometimes argued, or simply asserted, that the former (nibbā) refers to prophetic speech and the later (hitnabbē) to ecstatic or orgiastic behavior. The hitpael is indeed used of wild and uncontrolled behavior even where there is no question of anything prophetic. Saul, for example, is described as ‘prophesying’ when, deranged by jealousy, he tried to pin David to the wall with his spear (1Sam. 18:10-11). Even much later the estatic prophet (mitnabbē) could be paired with the madman (māšuggā) who speaks and acts in an uncontrolled manner (Jer. 29:24-28). But the niphal also is used of communal orgiastic ecstasy (1Sam. 10:11; 19:20; 1 Kings 22:12), while the hitpael can refer to rational prophetic speech (1 Kings 22:8; Ezek. 37:10). There is therefore no hard and fast distinction between the two forms, though nibbā came to be the standard word for prophetic utterance, just as speaking came to be considered the normal expression of what it meant to be a prophet.*”

13 Um profeta, alguém inflado por algum espírito que muitas vezes repreendia a conduta de reis e nações, ou previa eventos futuros também é o significado do árabe نَبِيٌّ (nabbiyy[u]) نَبِيُّ (nabi’y’u).

14 “*no seamless history of prophecy may be written on the basis of these scattered materials*”.

15 HOLLADAY, W. L. & KÖHLER, L. (2000). *A concise Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament* (p. 225). Leiden: Brill.

16 “*it is sometimes argued, or simply asserted, that the former (nibbā) refers to prophetic speech and the later (hitnabbē) to ecstatic or orgiastic behavior. The hitpael is indeed used of wild and uncontrolled behavior even where there is no question of anything prophetic. Saul, for example, is described as ‘prophesying’ when, deranged by jealousy, he tried to pin David to the wall with his spear (1Sam. 18:10-11). Even much later the estatic prophet (mitnabbē) could be paired with the madman (māšuggā)*

who speaks and acts in an uncontrolled manner (Jer. 29:24-28). But the niph'al also is used of communal orgiastic ecstasy (1Sam. 10:11; 19:20; 1 Kings 22:12), while the hitpa'el can refer to rational prophetic speech (1 Kings 22:8; Ezek. 37:10). There is therefore no hard and fast distinction between the two forms, though nibbā came to be the standard word for prophetic utterance, just as speaking came to be considered the normal expression of what it meant to be a prophet."

17 "this view cannot be supported by the biblical evidence. In fact the Hithpa'el of nb' sometimes appear in passages where there are no clear indications of ecstatic behavior, so the occurrences of this form cannot be used to support the notion that ecstasy was the chief characteristic of the early nābî's. Rather, the Hithpa'el of nb' should probably be given a more general meaning. On the analogy of forms such as hitḥal ("pretend to be sick", "act as if you were sick" [2Sam 13:5]), hit'abbēli ("pretend to be mourn", "act like a mourner" [2Sam 14:2]), e lēhištaggēa' ("to act like a madman" [1Sam 21:16]), it is probable that hitnabbē originally meant "to act like a prophet", "to exhibit the behavior characteristic of a nābî". In contrast, the Niph'al forms of nb' were probably originally denominatives meaning simply "to prophesy", "to deliver a prophetic oracle".

18 "Prophetic books begin with a superscription or other narrative introduction which identifies the prophet who is the subject of the book".

19 Cf. Na 1:1.

20 Cf. Jr 1:1; Am 1:1.

21 Cf. Is 1:1; Ob 1:1; Na 1:1.

22 Cf. Mi 1:1.

23 Cf. Ez 1:1-3; Os 1:1; Jl 1:1; Jn 1:1; Mq 1:1; Sf 1:1; Ag 1:1; Zc 1:1; Mi 1:1.

24 "The prophet's function in these oracles is defined by the use of the phrase 'Thus says the Lord'. In the world of the Bible this is the formula through which the messenger conveyed the words of his master, most specifically the words of his king (see for example Judg. 11:15; 2 Kgs 18:19, 29)" (ROFÉ, 1997, p. 61).

25 Na Septuaginta (LXX) essa palavra é traduzida por ἄγγελος (ángellos – "anjo; mensageiro").

26 Cf. 2 Cr 36:15-16; Ag 1:13; Mi 3:1.

27 Cf. Is 6:8-9; Jr 1:2,7; Ez 2:2-4; 3:5-6; Am 7:15.

28 Cf. Jr 23:18.

29 Ocorre 464 vezes na Bíblia Hebraica. Outras como, וַיֹּאמֶר יְהוָה (āmar YHWH - "disse YHWH"), וַיֹּאמֶר יְהוָה (wāyyōmer YHWH - "e disse YHWH" [Cf. Is 3:16; 39:6; Jr 1:8; 8:1,12; 9:25]), וַיֹּאמֶר יְהוָה (šama' davar YHWH - "ouça a palavra de YHWH"), e וַיֹּאמֶר יְהוָה (šma'ū dvar YHWH - "ouvi a palavra de YHWH" [Cf. 2 Rs 20:16; Is; 39:5; Jr 22:2; Am 3:1]) também merecem destaque (SIQUEIRA, 1996, pp. 201-203).

30 "[...] the terminology used (nābî') – did not originate in Israel and was not utterly distinct from prophecy elsewhere in the region."

31 "The prophet's function in these oracles is defined by the use of the phrase 'Thus says the Lord'. In the world of the Bible this is the formula through which the messenger conveyed the words of his master, most specifically the words of his king (see for example Judg. 11:15; 2 Kgs 18:19, 29)" (ROFÉ, 1997, p. 61)

REFERÊNCIAS

- ARCHER, Jr, Gleason L.; HARRIS, R. Laird; WALTKE, Bruce K. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 904-906.
- BARTON, John. "Prophecy (Postexilic Hebrew)". In: FREEDMAN, David N. et alii (eds.). *The Anchor Bible Dictionary*. vol. 5. New York-London-Toronto-Sydney-Auckland: Doubleday, 1992, p. 489-495.
- BLINKINSOPP, Joseph. *A History of Prophecy in Israel*. Louisville, KY: WJK, 1983.
- BROWN, Francis; DRIVER, Samuel; BRIGGS, Charles. (eds.). *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody, MA: Hendrickson, 2000.
- CLINES, David J. A. (ed.). *The Dictionary of Classical Hebrew, volume V*. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2011, pp. 582-583, 587-592.

- COLLINS, B. J. et alii. *The SBL Handbook of Style*. Atlanta, GA: SBL Press, 2014.
- DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. Peabody, MA: Hendrickson, 2007, pp. 530-531.
- ELLIGER, Karl.; RUDOLPH, Wilhelm. (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. 2. ed. Nova Coleção Bíblica 15. São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 273-358.
- GESENIUS, William; TREGELLES, Samuel Prideaux. *Gesenius' Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures*. Bellingham, WA, 2003.
- HOLLADAY, William L.; KÖHLER, Ludwig (eds.). *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 2000, pp. 224-225.
- JENNI, Ersnt; WESTERMANN, Claus. (eds.). *Theological Lexicon of the Old Testament*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1997.
- KAUFMANN, Yehezkel. *A religião de Israel*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1989.
- KIRST, Nelson et al. (eds.). *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. 29. ed. São Leopoldo-Petrópolis: Sinodal-Vozes, 2014, p. 148-149.
- KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. (eds.). *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 1994-2000 (electronic ed., p. 661-662).
- KUGEL, James L. *How to read the Bible*. New York, NY: Free Press, 2007.
- MÜLLER, H.-P. (1998). נָבִיא. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H.-J. (orgs.); GREEN, D. E. (trad.). *Theological Dictionary of the Old Testament* (Revised Edition, Vol. 9). Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K.: Eerdmans, 1977-2012.
- PETERSEN, David L. *The Prophetic Literature: An Introduction*. Louisville, KY: WJK, 2002.
- REDDIT, Paul L. "History of Prophecy". In: BODA, Mark J.; McCONVILLE, J. G. (eds.). *Dictionary of the Old Testament Prophets*. Downers Grove, IL: IVP, 2012.
- ROFÉ, Alexander. *Introduction to the Prophetic Literature*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. Trad. Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo, SP: Paulus, 1997.
- SELLIN, Ernest; FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3. ed. Nova Coleção Bíblica 6. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, pp. 511-537.
- SCHMITT, John J. "Prophecy (Prexilic Hebrew)". In: FREEDMAN, David N. et alii (eds.). *The Anchor Bible Dictionary*. vol. 5. New York-London-Toronto-Sydney-Auckland: Doubleday, 1992, pp. 482-489.
- SIQUEIRA, Reinaldo W. *The Presence of Covenant Motif in Amos 1:2-2:16*. Andrews University, Seventh-day Adventist Theological Seminar, Berrien Springs, MI: 1996. (Dissertação de Mestrado)
- SWEENEY, Marvin A. *The Prophetic Literature*. Nashville, TN: Abingdon Press, 2005.
- VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo, SP: ASTE, 1974.
- WESTERMANN, Claus. *Basic Forms of Prophetic Speech*. Louisville, Kentucky, 1991.
- WILSON, Robert R. *Prophecy and Society in Ancient Israel*. Philadelphia, PA: Fortress Press, 1980.

Recebido em 05/02/2017

Aceito em 08/06/2017